



Quando a história toca a vida: experiências na cidade e na casa de Anhanguera

Cuando la historia toca la vida: experiencias en la ciudad y en la casa de anhanguera

Elizabeth Rosa Marra ¹

<https://orcid.org/0009-0000-5246-2010>

Data de submissão: 27/04/2026

Data de aceite: 22/05/2026

Resumo

Este relato de experiência descreve a vivência de uma disciplina por imersão em Goiás Velho, marcada por visitas a espaços históricos e culturais, como a casa de Anhanguera, a residência de Cora Coralina e o Colégio Sant'Ana. A vivência proporcionou uma compreensão profunda da história local, das relações sociais e do patrimônio cultural, destacando a importância da memória, da ancestralidade e da sensibilidade na aprendizagem. Oficinas de escrita, arte e cuidado corporal reforçaram a integração entre teoria, prática e percepção individual, tornando a experiência educativa significativa, transformadora e inesquecível.

Palavras-chave: imersão cultural. história de goiás. patrimônio histórico. educação em ciências. experiência sensível.

Abstract

Este relato de experiencia describe una vida de una disciplina por inmersión en Goiás Velho, marcada por visitas a espacios históricos y culturales, como una casa de Anhanguera, una residencia de Cora Coralina y el Colégio Sant'Ana. Una vida proporcionada por una comprensión profunda de la historia local, las relaciones sociales y el patrimonio cultural, destacando la importancia de la memoria, la ancestralidad y la sensibilidad del aprendiz. Oficinas de escritura, arte y cuidado corporal reforçaram a integração entre teoria, prática e percepção individual, tornando a experiência educativa significativa, transformadora e inesquecível.

¹ Universidade Federal de Uberlândia. Mestranda no Programa de Pós-graduação em Ensino de Ciências e Matemática, UFU. elizabeth.marra@ufu.br





Palavras-chave: inmersión cultural. historia de goiás. patrimonio histórico. educación en ciencias. experiencia sensível.

Introdução

Foi um privilégio vivenciar uma disciplina em formato de imersão, experiência que se configurou como uma das mais satisfatórias e significativas da minha trajetória acadêmica. A disciplina, realizada na cidade de Vila Boa de Goiás, abordou conteúdos relacionados à História e Filosofia da Ciência e da Matemática I, sendo ministrada pelo professor Dr. Welson Barbosa Santos², da Universidade Federal de Uberlândia, com a colaboração do professor Dr. Marcos Barros³, da Universidade Federal de Pernambuco. As atividades ocorreram entre os dias 13 e 16 de outubro de 2025.

A jornada, entretanto, iniciou-se no dia 12 de outubro, quando partimos em viagem com destino à cidade histórica. Durante o trajeto, estabelecemos interações que possibilitaram maior aproximação entre estudantes e professores, compartilhando expectativas acerca dos conteúdos e do contexto histórico local. Apesar do cansaço físico, o tempo de deslocamento revelou-se significativo para a construção de vínculos e para a constituição de um clima coletivo de aprendizagem. Tal experiência aproxima-se do que Rosa Maria Bueno Fischer (2017) denomina de escrita sensível, na qual vivências cotidianas são atravessadas por afetos, significados e processos de conexão com o espaço e com o outro.

Ao chegarmos à cidade histórica, já à noite, saímos para um lanche. Aproveitamos o momento para compartilhar um pouco sobre a viagem e contar algo sobre cada um de nós. Conversamos sobre o aspecto da cidade, suas tradições, costumes e sobre como sua estrutura preservada reforçava o caráter histórico que tanto chama atenção. Essa observação evidencia como a experiência direta com o espaço potencializa processos

² Professor da Universidade Federal de Uberlândia (UFU), doutor em Educação (UFSCar) e pós-doutor pela UNESP.

³ Professor do Centro de Educação da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), doutor em Ensino das Ciências e pós-doutorado pelo *King's College London*.



formativos críticos e contextualizados. Observando as construções, pude perceber, conforme Faoro (1994) destaca em seu pensamento político brasileiro, como o poder e a história se materializam nos espaços urbanos, nas ruas e nas casas, mostrando relações de controle e memória social.

As aulas estavam previstas para começar sempre às 8h da manhã, iniciando com um café compartilhado, preparado com carinho pelos professores que nos aguardavam. Esse momento serviu como tempo de convivência, no qual os professores explicaram o cronograma do dia e nós também comentamos sobre nossas expectativas em relação à disciplina de imersão.

Figura 1 – Primeiro dia de aula



Fonte: Priscila Pires, 2025.

Todos estávamos eufóricos e, ao mesmo tempo, receosos sobre como a disciplina seria conduzida e como seriam cobradas as atividades. Ainda não tínhamos noção sobre o formato das aulas durante aqueles quatro dias. O professor não havia detalhado previamente como ministraria as atividades, o que aumentava nossa expectativa e ansiedade a cada minuto. Assim, este texto trata-se de um relato de experiência de abordagem qualitativa, fundamentado na observação participante e na escrita reflexiva, com a finalidade de narrar esta experiência imersiva.

Atividades realizadas



Após o café da manhã na casa sede, iniciaram-se as atividades acadêmicas. O professor explicou que a primeira proposta consistia em sair sozinho para explorar a Cidade de Goiás. Ele desejava que observássemos a cidade com nossos próprios olhos, sem qualquer interferência. Forneceu-nos um mapa com os principais pontos turísticos e explicou que poderíamos explorar os locais que mais despertassem nosso interesse. A proposta era observar, conversar com os moradores, conhecer tradições, costumes e fatos reais sobre a história da cidade.

Alguns estudantes demonstraram receio de sair individualmente e manifestaram a vontade de ir em grupo ou com um colega para compartilhar as descobertas.

Porém, o intuito do professor era justamente o contrário: que pudéssemos explorar e observar sem sermos influenciados por ninguém. Desejava que vivêssemos a cidade, que a exploráremos com nossos próprios olhos e não por meio dos relatos de outros estudantes.

Esse tipo de abordagem está alinhado aos fundamentos da disciplina por imersão, que busca justamente a experiência direta e sensível do aprendizado, estimulando percepções individuais.

Após as explicações, saímos então sozinhos, cada um seguindo em uma direção, com o objetivo de explorar e observar a cidade de maneira única. Ao deixar a casa sede, logo à frente havia uma ponte sobre o Rio Vermelho. Depois da ponte, encontrava-se a casa onde viveu Anhangüera e, em seguida, uma igreja muito bonita que chamou minha atenção.

Resolvi entrar para observá-la por dentro. Era a Igreja Nossa Senhora do Rosário, ampla, com características marcantes de construções antigas. Sentei-me por alguns minutos, contemplando sua estrutura, as pinturas, a arte contemporânea presente no interior e a paz que o ambiente transmitia.

Depois de algum tempo, decidi continuar caminhando sem rumo definido. Entrei em ruas estreitas, chamadas na cidade de becos, devido às suas dimensões reduzidas. Poucos metros após deixar a igreja, algo me chamou a atenção: um casarão antigo, grande e com certa movimentação no local — era a escola APAE. Senti imediatamente vontade de conhecer sua estrutura e verificar se havia acessibilidade para os alunos.



Enquanto observava a entrada, um rapaz se aproximou, cumprimentou-me e perguntou se eu precisava de algo. Perguntei sobre a possibilidade de conversar com a diretora, e ele prontamente chamou a secretária, que me conduziu até a sala da diretora. Ela se mostrou atenciosa e explicou que a casa utilizada como sede da instituição não possuía acessibilidade adequada para os estudantes.

A diretora mostrou os jardins da escola, relatando que, antes da construção de uma rampa de acesso, os alunos não podiam frequentá-los. Depois da instalação, os estudantes passaram a usufruir do espaço, melhorando seu rendimento escolar e tendo contato direto com a terra. A entrada da instituição, antes sem rampa ou com uma muito inclinada e perigosa, agora conta com uma rampa móvel, permitindo transporte seguro dos alunos até a porta da escola.

Após agradecer à diretora pela atenção, segui meu caminho, observando o comércio local, muitos ainda preservando a estrutura antiga. Chamou-me especialmente atenção a disposição da cidade, situada em um “buraco”, com ruas íngremes e outras extremamente estreitas. Esse tipo de observação ressoa com o que Geraldo Gondra (2010) pontua sobre a educação e a história no Brasil: conhecer o espaço social e cultural é parte fundamental da compreensão de como a educação e o contexto histórico se entrelaçam.

O objetivo da atividade era perceber como cada aluno, individualmente, enxergaria aquele espaço antes de receber as aulas, e depois comparar suas percepções iniciais com as finais.

Ao final da exploração individual, todos os alunos — tanto os hospedados na casa sede quanto aqueles em acomodações particulares — se reuniram no Mercado Municipal de Goiás, no centro histórico. Durante o almoço, cada estudante relatou suas observações, marcando o primeiro encontro coletivo entre alunos, familiares, colaboradores e professores.

Após o almoço, visitamos o Colégio Sant’Ana. Fundado pelas irmãs Dominicanas de Nossa Senhora do Rosário de Monteles, o colégio acolhia crianças pobres e filhos de escravos, vítimas da exploração do ouro e da contaminação da água utilizada pela população carente. A viagem das fundadoras francesas até a cidade durou 29 dias, percorrendo 120 léguas a cavalo desde Uberaba. O colégio tornou-se a principal escola feminina do Estado de Goiás, equiparada à Escola Normal do Estado pelo Coronel Rufino



Ramos. Hoje, o prédio é alugado pela Universidade Federal de Goiás e atende diversos públicos, incluindo estudantes indígenas, oferecendo cursos inclusivos, a exemplo o Escola da Terra, baseado na Pedagogia da Alternância.

Após a visita ao colégio, paramos na Praça do Chafariz, onde o professor explicou o contexto histórico da fonte, usada antigamente para abastecimento de água, que acabou contaminada pelos produtos da mineração. Os senhores feudais, sem interesse em acolher crianças órfãs, uniram-se ao pároco para criar o Colégio Sant'Ana. O professor relatou ainda o costume de libertar uma escrava por ano, expondo-a na Praça do Chafariz de maneira cruel, evidenciando as injustiças sociais do período.



Figura 2 – Colégio Sant'Ana



Fonte: Priscila Pires, 2025.

Em seguida, visitamos o Quartel do 20, ou Quartel dos Dragões, o edifício mais antigo da cidade, construído antes da Casa de Câmara e Cadeia e do Palácio dos Governadores. Embora tenha sido ponto de partida para soldados na Guerra do



Paraguai, o quartel não funcionou como unidade militar operacional permanente, servindo também como hospedaria e, atualmente, um espaço para eventos e visitação. De acordo com Michel Foucault (1975), a configuração arquitetônica dos espaços não é neutra, mas participa de estratégias de controle e organização social, refletindo relações históricas de poder, conceito reforçado por Faoro (1994) em seu estudo sobre o pensamento político brasileiro.

Após a visita ao quartel, retornamos à casa sede para descansar antes da próxima atividade. À noite, voltamos para a Praça do Chafariz, sentamos em roda sobre uma toalha estendida na grama. O professor Marcos espalhou um óleo aromatizante que havíamos preparado pela manhã, simbolizando o “perfume da turma” e a essência marcante de nossa experiência na pós-graduação. Durante o lanche, compartilhamos laranjas suculentas e bolo de arroz de sabor inesquecível.

O ambiente acolhedor favoreceu reflexões sensíveis sobre o dia. Infelizmente, o professor Marcos recebeu a notícia do falecimento de uma amiga próxima, retirando-se para refletir sozinho. Esse momento nos sensibilizou, levando-nos a pensar sobre nossas próprias famílias e amigos, a brevidade da vida e a importância das relações. Permanecemos na praça cerca de três horas antes de retornarmos para descansar.

Enquanto voltávamos para casa, caminhando felizes e conversando distraidamente, passamos pela ponte onde se localiza a casa de Cora Coralina e, logo em seguida, chegamos à residência que pertenceu ao Anhanguera, onde mora um amigo do professor Welson. Observei que as luzes estavam acesas, brinquei com o professor e sugeri bater palmas e chamar seu amigo.

Assim que chegamos em frente à casa, creio que o homem – a quem decidi chamar carinhosamente de “Anhanguera” – reconheceu a voz do professor. Ao ouvi-lo, saiu para cumprimentá-lo e nos convidou a entrar para conhecermos a residência naquele momento. Ficamos muito felizes e entusiasmados pelo convite.

Historicamente, quando Anhanguera retornou de São Paulo, a primeira casa que construiu em Goiás foi no Arraial da Barra (atual distrito de Buenolândia), uma pequena localidade próxima à Cidade de Goiás. No entanto, essa construção desapareceu há cerca



de vinte anos. Na época, quem governava São Paulo era D. Bernardo José Maria da Silveira e Lorena, o 5º Conde de Sarzedas e capitão-general da Capitania de São Paulo.

Assim, inicialmente, Goiás foi criado como parte do território paulista. Entretanto, com a descoberta de grande quantidade de ouro, a Coroa Portuguesa decidiu estabelecer uma capitania específica para Goiás. Com isso, o descobridor foi elevado à posição de capitão-geral das minas. Ele precisou mudar-se para a Cidade de Goiás, que já era o Arraial Maior — local onde havia maior concentração de ouro. Foi ali que construiu a casa datada aproximadamente de 1730, podendo ser ainda de 1728 ou pouco antes.

O que evidencia a antiguidade da construção são suas paredes de taipa. De modo geral, edificações portuguesas feitas em taipa, especialmente as mais pesadas, costumam ser anteriores a 1755. Após o terremoto de Lisboa, percebeu-se que as estruturas que permaneceram em pé eram aquelas construídas com armações de madeira, e não as feitas apenas de taipa.

Existem dois tipos principais: a taipa de mão e a taipa socada. Esse tipo de construção sustenta o teto, mas, mais tarde, em Minas Gerais e em outras regiões, passou-se a utilizar estruturas em forma de gaiola de madeira. Por suas características, a casa é considerada uma das mais antigas da Cidade de Goiás. As construções de taipa não permitem a abertura de muitas janelas. Assim, quando se vê uma casa pequena com quatro, cinco ou seis janelas, pode-se afirmar que ela não é antiga, pois, com taipa, só é possível fazer uma porta e uma janela.

Na sala, existe uma estrutura de madeira semelhante a dois bancos voltados um para o outro, chamada conversadeiras. Ali também havia, antigamente, uma janela com gelosia ou rótula — semelhante ao xarabinho, nome dado na cidade para janelas com trançado ou gradeado de madeira que permitem ver o exterior sem ser facilmente visto.

A intenção do nosso “Anhanguera” é que a sala de sua casa, antes residência do bandeirante Bartolomeu Bueno da Silva, represente diferentes expressões culturais, lembrando o cuidado de Rosa Maria Bueno Fischer (2017), ao observar a dimensão sensível da história e das pessoas no espaço que habitam.

Na parede principal da sala, há um papel de parede de estética "vintage", composto por uma grande pintura com diversos quadros que remetem a diferentes décadas. A



fábrica Zuber, responsável por esse tipo de painel, selecionou imagens de fatos e acontecimentos históricos marcantes.

Um trecho da pintura retrata os naturalistas Johann Baptist von Spix e Carl Friedrich Philipp von Martius em contato com povos indígenas na Mata Atlântica. Também aparece a princesa Maria Leopoldina de Áustria, cujo casamento com Dom Pedro I (então príncipe regente) foi arranjado como parte de uma aliança política entre as coroas de Portugal e da Áustria.

A cerimônia por procuração ocorreu em Viena, em maio de 1817, e o casal só se encontrou pessoalmente quando ela desembarcou no Rio de Janeiro, em novembro do mesmo ano. Aos 20 anos, sua vinda ao Brasil esteve diretamente ligada à importante "Expedição Científica Bávara ao Brasil", organizada por Spix e Martius, acompanhados de outros naturalistas, pintores e cientistas austríacos e alemães.

Os dois foram responsáveis por descrever e nomear centenas de espécies brasileiras, demonstrando, na prática, a relevância da observação direta, algo que Faoro (1994) também destaca ao refletir sobre a construção do conhecimento histórico e social.

O arco pendurado na parede pertence a uma tribo indígena do noroeste do Mato Grosso. Já a outra peça indígena é da tribo Panará, também conhecida por Kayapó do Sul, que habitou o sul de Goiás e a bacia do rio Paranaíba, no Triângulo Mineiro. Esse povo enfrentou intensos conflitos com colonizadores e com outros grupos indígenas, o que resultou em sua dispersão.

Por muito tempo acreditou-se que os Kayapó do Sul haviam sido extintos no século XIX. Porém, em 1973, durante a abertura da rodovia BR-163 (Cuiabá–Santarém), equipes da Funai e frentes de expansão encontraram um grupo indígena isolado, identificado inicialmente como Kreen-Akorê ou Kaiapó do Mato Grosso.

Esse grupo, que sofreu um contato traumático e teve sua população drasticamente reduzida, é hoje reconhecido como povo Panará. São considerados descendentes diretos dos antigos Kayapó do Sul, sobreviventes que permaneceram isolados por mais de um século. Sua história representa um marco sobre a “descoberta” de um povo que a sociedade acreditava extinto, reforçando, conforme enfatiza Geraldo Gondra (2010), a importância de compreender a educação e o conhecimento dentro do contexto histórico e social.



O nosso “Anhanguera” explicou sobre a pintura de um quadro do grande pintor brasileiro Henrique Bernardelli, que retrata uma família muito poderosa de Portugal. A representação histórica da casa está totalmente vinculada ao período colonial, ou seja, anterior à Independência do Brasil. Todas as peças do acervo estão divididas basicamente em quatro épocas, começando pelo reinado de Dom João V (1706–1750), período que marcou profundamente a história colonial brasileira e coincidiu com o auge do Ciclo do Ouro em Minas Gerais.

O reinado seguinte foi o de Dom José I (1750–1777), conhecido como o “Rei do Terramoto”, pois governou durante o devastador terremoto de Lisboa em 1755. Esse período foi caracterizado pelo forte protagonismo político do Marquês de Pombal e pela implementação de profundas reformas administrativas e econômicas com impacto direto na colônia brasileira.

Depois de Dom José I, teve início o reinado de Dona Maria I (1777–1816), também conhecida como “Dona Maria a Louca”. Seu governo foi marcado pela reversão parcial das reformas pombalinas, pela repressão à Inconfidência Mineira e, posteriormente, pela regência de Dom João, devido à incapacidade mental da rainha. Essa fase culminou na transferência da corte portuguesa para o Brasil em 1808, evento decisivo para a formação do Estado brasileiro.

O reinado de Dom João VI (1816–1826), que já atuava como Príncipe Regente desde 1808, foi um período de intensas transformações no Brasil. A vinda da corte resultou na modernização administrativa, econômica e cultural do território. A abertura dos portos, a criação de instituições de Estado e a elevação do Brasil à categoria de Reino Unido, em 1815, foram fundamentais para o processo de independência que ocorreria em 1822.

O estilo predominante nos móveis da época de Dom João V é o Barroco Joanino, associado ao luxo e à grandiosidade da corte portuguesa. As peças são elaboradas em madeiras nobres, como jacarandá da Bahia e vinháticos. Embora fosse comum na Europa pintar os móveis, no Brasil isso era evitado, pois acreditava-se que seria desperdício cobrir madeiras tão valiosas.

A diferença entre os estilos das mobílias foi muito bem demonstrada durante a visita: enquanto o barroco expressa imponência e exuberância ornamental, refletindo



poder e grandiosidade, o estilo rococó apresenta leveza, elegância e suavidade, marcando uma transição para móveis mais delicados e com motivos naturais.

A cama, pertencente à época de Dom José, conforme nos explicou o nosso “Anhanguera”: “na época de Dom José a gente chamava a cama de leito,”. Quando um aluno perguntou se era o mesmo colchão, ele respondeu: “Não, porque que o colchão, na época, era feito com palha, e a palha se perde, né?” Outro aluno perguntou se alguém dormia nas camas, e ele afirmou prontamente: “Claro, aqui não é museu, é casa”. E continuou sua explanação:

“Então, vocês vão conhecer aqui, na Igreja da Boa Morte, um escultor que a gente chama de Veiga Valle. Veiga Valle nasceu no século XIX, então aquele crucifixo é dele, essa Nossa Senhora da Conceição também é dele, a prataria também é do século XVIII, o que a gente chama de prataria bandeirantista, e a cômoda também é do século XVIII. Eu adoro essas cadeiras, aqui é a possibilidade de ser de canto, então são só três pés, essa aqui é a única peça que é Dom João V. É interessante, os pés, a gente chama de bola e garra. Parece aquela garrinha mesmo. É como se fosse a mão de uma águia.”

Fiquei curiosa em relação ao estilo da janela do quarto. Ela era completamente fechada com uma gelosia, uma espécie de veneziana feita de tabiques de madeira, que permitia a ventilação e garantia de privacidade às jovens que podiam olhar para fora sem serem vistas. Foi comentado que na casa de Cora Coralina as janelas também seguem esse modelo.

Dentro do escritório havia uma escada estreita que dava acesso à garagem, na qual, antigamente, era utilizada como senzala e onde os índios ficavam presos, um ambiente totalmente fechado, sem janelas e apenas com pequenas frestas nas paredes para ventilação. Aquele espaço, antes de se tornar uma garagem, tinha como único meio de entrada a estreita escada, em que o único meio de abri-la era pelo lado de fora do cômodo.

Um móvel em formato de arca, com incrustações de marfim, era utilizado pelo bispo e pelo padre durante o período da desobriga. Na época, muitas crianças permaneciam quatro ou cinco anos sem serem batizadas e muitos casais aguardavam o matrimônio, os religiosos percorriam a região montados a cavalo ou em burros levando essa arca — equipada com alças e contendo toda a documentação e os instrumentos necessários para a realização dos sacramentos.



Dois pratos de porcelana de Viena destacaram-se pela riqueza de detalhes. Seus detalhes em ouro e a delicadeza da pintura tornam as peças impressionantes. A história relatada pelo nosso “Anhanguera” dizia que, durante suas longas viagens pelo interior de Minas Gerais, Spix e Martius passaram por diversos povoados com nomes já conhecidos.

Em um desses locais, a cidade de Datas, próxima a Diamantina, vivia um homem de grandes posses. Spix o presenteou com dois pratos de porcelana de Viena — material ainda mais valioso que a famosa porcelana chinesa da Companhia das Índias. As peças são pintadas inteiramente à mão, com detalhes dourados, assim como outras obras do acervo.

Ao lado dos pratos, havia a tampa de uma urna funerária de um povo ameríndio da Colômbia, com cerca de 1.200 anos. Na alacena, ficam guardadas as baixelas, cristais e outras peças de mesa raras e de alto valor, que apenas o proprietário manipula, tanto para limpeza quanto para ocasiões especiais. Sobre o banheiro, ele explicou: “O banheiro não tinha sido derruído completamente”. O nosso “Anhanguera” continuou a narrativa:

“Então, a gente decidiu deixar pelo menos o banheiro, resistir à tentação de colocar banheiro perto dos quartos, como a gente gosta de ter essa comodidade, para respeitar a casa, porque a casa é um monumento, e deixar também como testemunha. É a primeira vez, é o primeiro lugar que o banheiro ocupa numa casa aqui. Você vê, é interessante, depois a cozinha, o banheiro fica sendo o último cômodo. É a única parte da casa que foi modificada.”

A parte do quintal também chamou atenção. Casas muito antigas costumavam ter um poço e ali ainda existe um, com o que restou do antigo sarrilho — mecanismo utilizado para puxar água. O poço é bastante antigo e ainda possui água. No quintal, eram preparadas mesas para aniversários, festas e até eventos de igreja. Também eram cultivados temperos, como cebolinha e outras ervas. Na área mais ao fundo, o quintal propriamente dito abriga plantas frutíferas, como mangueiras e pés de café. Tal aspecto revela a articulação entre espaço, cultura e modos de vida, permitindo compreender dimensões históricas que atravessam a formação social local.

Poderia escrever ainda muitas páginas referente a essa visita, pois não seria possível registrar todos os detalhes compartilhados pelo senhor que nos conduziu pela história de Anhanguera. Cada explicação trouxe informações valiosas sobre a história e a formação política da região, evidenciando como a colonização portuguesa moldou as estruturas do poder e da sociedade local. Essa visita, certamente, foi uma das mais bem



instruídas e enriquecedoras que já vivenciei, permitindo interpretar criticamente como essas bases coloniais ainda influenciam nossa leitura do presente (Santos, 2020).

Desde os primeiros momentos da visita, foi possível perceber a riqueza dos detalhes e a profundidade das narrativas que nos foram apresentadas. Conforme destaca Fischer (2017), a escrita sensível permite captar nuances da experiência e construir sentidos a partir da observação atenta, tornando a vivência mais significativa e reflexiva.

Nosso segundo dia de atividades começou com muita energia. Às 8 horas, reunimo-nos para o café da manhã e compartilhamos nossas experiências do dia anterior, especialmente sobre os lugares visitados e o calor intenso. Esse momento de diálogo, segundo Fischer (2017) nos lembra, permitiu acolher percepções individuais e perceber como cada experiência mobiliza o olhar pessoal e a memória afetiva.

A primeira atividade do dia foi uma vivência dedicada à cultura, à saúde e à ancestralidade, conduzida por uma tradicional raizeira da cidade. Com sensibilidade, ela compartilhou sua trajetória, os serviços sociais nos quais atua e os projetos desenvolvidos junto a comunidades quilombolas e aldeias indígenas. Destacou a relevância das plantas medicinais, valorizadas tanto pelo conhecimento científico quanto pelo saber tradicional.

A raizeira enfatizou que seu aprendizado se deu pelo convívio com pessoas mais velhas, outros raizeiros e benzedores, integrando conhecimento científico e ancestralidade. Ressaltou a necessidade de humildade para reconhecer o que pode ser trabalhado e o que precisa ser abordado de outra forma, lembrando que, como sugere Gondra (2010), a educação deve considerar a história e a vivência dos sujeitos, promovendo conhecimento significativo e inclusivo.

Relatou que atua há quase trinta anos na Pastoral da Saúde da Diocese de Goiás e que sua conexão com os saberes tradicionais é fortalecida por sua ancestralidade — descendente de uma mulher trazida do Senegal, cuja história atravessa gerações. Essa experiência despertou reflexões profundas sobre tradição, resistência e integração entre ciência, cuidado e memória.

Logo após, visitamos a Casa de Cora Coralina. Ao adentrar o espaço, fomos tomados por um sentimento de acolhimento; cada objeto, fotografia e pequena peça preservada carregava fragmentos de sua história e sensibilidade. A simplicidade da casa



contrastava com a grandiosidade de sua obra, permitindo compreender melhor a dimensão humana da escritora: mãe, doceira, trabalhadora e mulher de coragem.

O contato direto com o espaço possibilitou vivenciar a literatura de forma concreta e sensível, revelando como a história e a cultura se entrelaçam com a experiência individual e coletiva — um ponto que conecta nossa prática de imersão com os fundamentos da disciplina.

A visita ao Palácio Conde dos Arcos nos proporcionou compreensão da estrutura política e administrativa da antiga Capitania de Goiás. A observação dos móveis, documentos e objetos permitiu refletir sobre o funcionamento da administração local e a relação com a Coroa portuguesa, destacando, como Faoro (1994) enfatiza, a importância do pensamento político brasileiro e da organização do poder no processo histórico.

Na Casa de Fundação, tivemos contato com o processo de controle e regulamentação da mineração no período colonial, visualizando o caminho do ouro desde a extração até a taxação pela Coroa. A vivência evidenciou que as estratégias administrativas moldavam não apenas a economia, mas também a vida social, reforçando a importância de compreender a história de forma integrada, conectando política, economia e sociedade.

Após o intervalo, participamos de uma oficina de acolhimento na casa sede. Em duplas, utilizamos o óleo preparado no primeiro dia para realizar massagem nos pés do colega, compartilhando experiências, aprendizados e sensações. A prática simples, porém, profunda, promoveu atenção, escuta e respeito mútuo, fortalecendo os vínculos do grupo. Esse momento simbolizou a dimensão relacional da aprendizagem, reforçando a integração afetiva e intelectual do grupo.

Em seguida, participamos da oficina **Viver – Olhar – Sentir – Oficina da Escrita**, na qual trabalhamos a metáfora das raízes como símbolos de memória, identidade e conexão com o lugar visitado. Cada participante produziu um texto a partir de palavras associadas às raízes primárias e secundárias, permitindo que as experiências fossem traduzidas em linguagem sensível e reflexiva. Essa prática reforça a ideia de Fischer (2017) sobre a escrita como ferramenta de integração entre experiência, memória e emoção, consolidando aprendizagens profundas.



No terceiro dia, visitamos o Quilombo Alto Santana, onde uma moradora compartilhou sua trajetória e ancestralidade, revelando os efeitos indiretos da escravidão mesmo após sua abolição. Sua narrativa evidenciou resistência, força e dignidade, promovendo compreensão crítica sobre memória, identidade e a importância histórica da resistência quilombola — temas que Gondra (2010) também enfatiza em relação à educação e à valorização da história social.

Figura 3 – Quilombo Alto Santana



Fonte: Priscila Pires, 2025.

Na oficina **Arte com as Mãos – Produção de Registros na Cidade**, transformamos experiências vividas em criações artísticas, utilizando tintas naturais e produzindo desenhos que representassem nossa vivência. A atividade possibilitou expressão individual e coletiva, integrando natureza, memória e ancestralidade, estimulando uma percepção sensível do território visitado.



Visitamos ainda o bairro do Bacalhau, percebendo a presença histórica da elite e o contexto social da antiga cidade. Em seguida, no Museu das Bandeiras, o contato com móveis, documentos e utensílios coloniais permitiu refletir sobre justiça, administração e cotidiano. A visita proporcionou compreensão crítica da complexidade histórica e social de Goiás Velho, conectando experiência vivida e reflexão acadêmica.

À noite, realizamos uma oficina coletiva de preparo de macarrão caseiro, atividade que promoveu convivência, integração e cooperação, fortalecendo vínculos e a sensação de pertencimento ao grupo. No último dia, encerramos a disciplina na casa sede, com avaliação coletiva e compartilhamento das impressões finais. Essa experiência evidenciou a importância da memória afetiva, da aprendizagem sensível e da valorização das experiências vividas — elementos essenciais em uma disciplina por imersão.

Embora muitos momentos permaneçam apenas na memória, cada vivência contribuiu para que a imersão fosse única, deixando marcas profundas que ultrapassam o registro escrito. Assim, consolidou-se o aprendizado histórico, cultural e humano, transformando a experiência em um marco formativo inesquecível.

Considerações finais

A experiência vivenciada durante a imersão em Vila Boa de Goiás revelou-se profundamente significativa para a formação docente em Ciências e Matemática. Ao integrar estudo teórico, vivência histórica e reflexão crítica, a atividade permitiu compreender que a história e a filosofia da Matemática são instrumentos potentes para repensar o ensino, promover aprendizagens contextualizadas e fomentar práticas pedagógicas reflexivas.

Entre os principais aprendizados, destacam-se: a ampliação da compreensão sobre os processos históricos que constituem o conhecimento matemático; a capacidade de analisar criticamente narrativas históricas e museológicas; e o reconhecimento do valor da imersão como estratégia formativa. As discussões geradas reforçaram a importância de metodologias que promovam o diálogo entre teoria e prática, bem como a necessidade de formação contínua para que docentes possam incorporar abordagens histórico-filosóficas ao ensino.



Como recomendação, destaca-se a importância de ampliar experiências formativas em campo, fortalecer a articulação entre história, filosofia e ensino, e incentivar pesquisas que investiguem a contribuição da historicidade na aprendizagem matemática. Conclui-se que a imersão foi não apenas uma vivência acadêmica, mas um espaço de transformação profissional, oferecendo subsídios para práticas docentes mais críticas, contextualizadas e humanizadoras.

Referências

- FAORO, R. **Existe um pensamento político brasileiro?** São Paulo: Ed. Ática, 1994.
- FISCHER, R. M. B. Pedagogia, docência e cultura. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 42, n. 2, p. 345-362, 2017. <https://doi.org/10.1590/2175-6236826010>.
- FOUCAULT, M. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**. Petrópolis: Vozes, 1975.
- GONDRA, G. **Pesquisa em história da educação no Brasil**. Campinas: Autores Associados, 2010.
- SANTOS, W. B. Faoro e o pensamento político irrealizado. **Revista de História e Política**, São Paulo, v. 12, n. 1, p. 45-67, 2020. <https://doi.org/10.1590/2175-62362020-01>.